

Mudança de perspectiva: aspectos da formação grapiúna em *Tocaia Grande*, de Jorge Amado

Angela Lacerda Santos
Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus - BA

Gisane Souza Santana
Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus - BA

Resumo: Este estudo apresenta uma reflexão teórico-crítica sobre as questões identitárias no *corpus* de *Tocaia Grande*, de Jorge Amado. Objetiva-se analisar a construção da nação na contemporaneidade, a fim de contribuir para identificação dos aspectos que representam as experiências de um povo numa ênfase à cultura local. Para a discussão dos conceitos teóricos, toma-se a ideia das questões da escrita da história e da invenção do cotidiano (CERTEAU, 1996), observando-se as questões identitárias (HALL, 2005); e a narrativa da nação (BHABHA, 1998). Assim sendo, este estudo contribui para a valorização da narrativa da nação grapiúna, através da descrição e discussão dos aspectos identitários e da história.

Palavras-chave: Identidade. Hibridismo Cultural. Narrativa. Nação.

Abstract: This study aims to present a theoretical and critical reflection about the identity issues in the corpus of *Tocaia Grande*, de Jorge Amado. It aims to analyze the construction of nation in contemporary times, to contribute for the identification of the aspects that represent the experiences of a particular group of people with emphasis to local culture. For the discussion of the theoretical concepts, it is considered the issues concerning the writing of history and the invention of everyday life (CERTEAU, 1996), identity issues (HALL, 2005), and the narrative of the nation (BHABHA 1998). Therefore, this study will contribute to the enhancement of the narrative of the nation Grapiúna by describing and discussing aspects of identity and history.

Keywords: Identity. Cultural hybridity. Narrative. Nation.

Considerações Iniciais

Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. LE GOFF

Desde o início do século XX, o imaginário do cacau é temática constante na literatura de Jorge Amado. Esse imaginário é trabalhado pelo autor nos romances *Cacau*, *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Gabriela Cravo e Canela* e *Tocaia Grande* – romances que compõem o Ciclo do Cacau. Nesses romances, foram ficcionalizadas questões importantes, tais como a conquista da terra, a lei do mais forte, a saga do cacau e aspectos da formação da nação grapiúna. Nesse contexto de ficcionalização, o cacau tornou-se um produto de referência do imaginário da região sul-baiana.

Tocaia Grande - último romance do ciclo de cacau - objeto de estudo desse trabalho, faz referência à face obscura, ao outro lado da conquista da terra, e constrói uma narrativa varrida dos compêndios, tomando como foco o cotidiano das minorias - sergipanos, alagoanos, negros, árabes, ciganos e as prostitutas - que contribuíram para a formação da identidade da região sul da Bahia. Assim sendo, esse livro desenha um cenário multifacetado da formação cultural da Bahia, com seus costumes, suas tradições, o hibridismo cultural e os discursos vários.

A relação do romance com a realidade referencial permite-nos conceber a obra amadiana como testemunho de uma escrita que retoma as vozes de um grupo minoritário caladas pela escrita narcísica pelo grupo detentor de poder. Dessa maneira, o estudo apresenta uma reflexão teórico-crítica sobre as questões identitárias no *corpus* de *Tocaia Grande*, de Jorge Amado. Para fundamentá-lo foram selecionados teóricos e conceitos por eles defendidos: toma-se a ideia das questões da escrita da história e da invenção do cotidiano (CERTEAU, 1996), observando-se as questões identitárias (HALL, 2005); o hibridismo cultural (CANCLINI, 2003); e a narrativa da nação (BHABHA, 1998).

Identidade Cultural e Hibridismo

Nas últimas décadas, a questão da identidade tem atraído pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas. O interesse dos estudiosos por essa temática se justifica pela repercussão das transformações - sociais, culturais e políticas - nas questões cotidianas, que trazem à tona a problemática da nacionalidade, dos territórios, dos gêneros, das etnias e das diferenças.

Nesse contexto, o constructo da identidade torna possível o entendimento de como as mudanças que vivemos têm afetado a vida em comunidade e a vida íntima contemporânea (WOODWARD, 2000), ao mesmo tempo, permite que (re)visitem outros períodos da história. O conceito de identidade cultural, segundo Hall (2005), não é unificado em torno de um eu coerente, mas deslocado em várias direções. A identidade é dinâmica e admite mudanças contínuas nos sistemas culturais pelos quais somos representados. Nessa perspectiva, não há uma identidade fixa e nem definida historicamente.

A identidade, de acordo com a concepção pós-moderna e enquanto resultado das atribuições culturais, “[...] é vista como uma manifestação muito mais flexível, uma vez que tem sido mais difícil a tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante hibridização cultural.” (CANCLINI, 2003, p.19). Os sujeitos passam a assumir diversas identidades que não mais existem como algo unificado, mas que respondem a momentos específicos e a contextos diversificados.

Daí a necessidade de se formular estratégias que permitam que, mesmo com a hibridização das culturas e formação múltipla das identidades, sejam construídos aspectos que reúnam os indivíduos em categorias comuns ao grupo. Perceber a identidade como processo que emerge de atributos culturais é crucial, portanto, para a compreensão do papel que as representações têm na edificação dos sentidos que compõem as identidades. Assim, é possível dizer que só a partir da representação será possível conceituar a identidade sul-baiana explicando a sua importância nas sociedades contemporâneas, nos domínios cultural e social.

Dessa forma, a literatura, entendida como bem simbólico “[...] um mapa em relação aos territórios que topografa” (ISER, 1996, p. 304), adquire o *status* de representação identitária e suscita a abordagem dos aspectos culturais da sociedade. Nessa abordagem, pode-se inferir que a construção identitária é proveniente das representações dos elementos culturais. Isso reforça a ideia de nação como comunidade simbólica, possibilitando a reconfiguração do imaginário da região cacauera.

Esse imaginário do cacau, sob a ótica do poder, apresenta o crescimento da civilização grapiúna e as origens do povo através de narrativas que “[...] agem como mitos fundadores, construindo os sentidos das identidades.” (BHABHA, 1998, p.56). São essas narrativas que

formarão a base para a construção de um imaginário nacional. Nesse contexto de representação cultural, abrem-se espaços para discussão sobre identidades numa relação estreita entre literatura e realidade.

A crença em um passado imaginado comum a todos orienta os indivíduos na história de formação da sua coletividade e preenche de sentidos suas identidades, trazendo assim a ideia de comunidades imaginadas. Benedict Anderson define a nação como “[...] uma comunidade política imaginada— é imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (1989, p.33). Seja limitada ou soberana, a nação possui uma característica ímpar: ela é fraterna, por este motivo seus membros mantêm vínculos, ainda que não se conheçam.

A invenção histórica da nação, enquanto Estado político, deslocou o termo povo, utilizado para se referir às pessoas que nasceram num mesmo lugar. Para Homi K. Bhabha, o conceito de povo “[...] consiste em ‘objetos’ históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido; o povo consiste também em ‘sujeitos’ de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior.” (1998, p. 206). Nessa perspectiva, o povo, como um conceito de massa homogênea, aparece enquanto estratégia retórica de persuasão, que tem como fim a construção pedagógica de uma coesão social.

Nesse entendimento, a memória da nação deve considerar a hibridização de histórias e o deslocamento de narrativas, já que as narrativas da nação, bem como os atos de tradução cultural acontecem em estruturas referendadas (ANDERSON, 1998). Segundo Canclini (2003, p. XIX), “[...] hibridismo são processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem em forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”

Essa discussão proposta por Canclini é ampliada por Homi Bhabha em *O local da cultura*. Para Bhabha, o hibridismo localiza-se no interior dos discursos entre colonizador e colonizado; “ é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.” (BHABHA, 1998, p. 165).

Em vista do que já foi discutido sobre identidade, hibridismo, nação e sentimento de pertença, pode-se dizer que o território de identidades

construído na narrativa de Tocaia Grande constitui-se da “[...] relação que envolve apropriação, domínio, identificação, pertencimento, demarcação (ANDRADE, 1995, p. 19). É um território ficcional agregador de várias culturas que no sul da Bahia se hibridizaram: negro, sergipano, sertanejo e árabe. Esses (i)migrantes contribuíram com seus hábitos, crenças e costumes, promovendo as trocas culturais na região grapiúna.

Cruzam-se hábitos, maneiras de festejar e chorar. Misturam-se sergipanos, sertanejos, levantinos, línguas e acentos, odores e temperos, orações, pragas e melodias. Nada persistia imutável nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobrezas e ambições providas de lares tão diversos. Por isso se dizia *grapiúna* para designar o novo país e o povo que habitava e construía (AMADO, 1986, p. 191. Grifo no original)

Esses chegantes reforçaram o entendimento do hibridismo entre etnias e seus comportamentos se mesclaram com os dos demais habitantes. Na narrativa amadiana, percebe-se a mudança de perspectiva, com isso a história passa a ser revisada. *Tocaia Grande* relê a saga do cacau em outra perspectiva: a do trabalhador rural, do negro, da prostituta e do árabe comerciante.

Tocaia Grande: aspectos da formação da nação grapiúna

Tocaia Grande comporta temáticas variadas da nação grapiúna: os sincretismos religiosos, o ambiente hostil, o coronelismo, os jagunços, as prostitutas, o êxodo regional, o candomblé, o catolicismo, a fé e as misérias do latifúndio da Bahia. Nesse espaço ficcional, as lembranças, as memórias coletivas, são mergulhos em um passado ao mesmo tempo carregado de uma face obscura - Tocaia Grande - e uma face esplêndida - Irisópolis. A face carregada de obscuridade e de vácuos é muitas vezes trancada em baús sem estabelecer qualquer relação com o presente. Cabe então à literatura reler a história em outra perspectiva: assumindo o discurso dos vencidos – *performático* (BHABHA, 1998).

O discurso *performático* é característico das *contra narrativas*, isto, porque resulta da tessitura dos retalhos descartados pela narrativa oficial. A voz de personagens étnicos regionais, através da fala de Pedro Archanjo, intensifica o caráter *contra narrativo* de tornar opacas as “[...] fronteiras totalizadoras - tanto reais quanto conceituais.” (BHABHA, 1998, p. 211), que passam a ser imaginadas com base na contemporaneidade.

O teórico Bhabha procura pensar a nação a partir de suas margens - os conflitos sociais e as vivências das minorias; trata-se de uma recusa da narrativa monolítica da nação.

Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso (p. 15).

A apropriação feita por Jorge Amado retoma o tempo de escrita das outras vozes do nacional, as minoritárias. Este é o aspecto contra narrativo de *Tocaia Grande*, o aspecto da heterogeneidade cultural. Jorge Amado (re) escreve outra história, uma história a contrapelo (Benjamin, 1994), uma *contra narrativa*; constrói um conceito de nação que corresponde à verdade daqueles a quem a tradição da dominação e o ritmo contínuo da história fizeram calar.

Dessa maneira, Jorge Amado reinterpreta o passado a partir de novas percepções, ou reapresenta o passado evitando versões conclusivas ou hegemônicas da história; reescreve dentro de um novo contexto. Assim, “[...] o passado chega na forma de texto e de vestígios textualizados como memória, relatos, arquivos e documentos, e esses textos interagem de forma complexa.” (HUTCHEON, 1991, p.150).

Assim sendo, pode-se dizer que é no discurso performático que a narrativa de *Tocaia Grande* é construída, a partir dos interstícios, dos discursos do *ex-cêntrico*, do *marginal*, do *diferente*. De tal modo, “[...] as margens e as extremidades adquirem um novo valor.” (*ibidem*), e é, a partir dessas margens, que o mito de fundação da região sul-baiana é construído.

A história oficial, compostas de cronologias, possui interstícios que só podem ser completos pelas contra narrativas, ou seja, pelas memórias dos moradores de uma localidade em cujo passado muitos acontecimentos foram mascarados. A história de uma nação, escrita pelos vencedores, as lembranças ali registradas, de certa forma favorecem a escrita oficial e obscurece a trajetória dos vencidos. Sobre essas lacunas, Le Goff (1988) nota

[...] que a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. Michel de Certeau analisou com sutileza os ‘desvios’ do historiador para as ‘zonas silenciosas’ das quais dá como exemplo “[...] a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido do camponês, a Occitânia, etc.” [1974, p. 27]. Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. (LE GOFF, 1988, p.110).

Nesse universo de nação com espaços em branco na história, está inserida a cidade de Tocaia Grande, uma nação imaginada por Jorge Amado, narrada pelos discursos dos vencidos. Jorge Amado endossa uma crítica acerca de uma história que, de certa forma, dizimou a localidade Tocaia Grande do passado e construíram, a partir dos destroços dela, uma nova história de uma nação homogênea, sem passado trágico. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (LE GOFF, 1988, p. 426).

Nesse sentido, abrem-se espaços para o pensamento de uma nação a partir de suas descontinuidades; em contrapartida, reforça-se a recusa da narrativa monolítica da nação (BHABHA, 1998), para dar espaço às tradições das memórias coletivas de um grupo não contemplado nos livros de História, que é a temporalidade performática.

Se para tanto o dinâmico prefeito despendeu verba elevada, não incorre em crítica: tudo quanto se faça para divulgar as excelências de Irisópolis, o passado de epopeia, o presente de esplendor, merece aplauso e elogio. Além das matérias pagas, os jornais do Rio e de São Paulo divulgaram algum noticiário sobre os eventos principais que abrilhantaram os festejos. (AMADO, 1986, p.2)

Essa parte do romance apresenta o momento em que a comemoração dos festejos de setenta anos de fundação da cidade de Irisópolis é vivida friamente, ao passo que o passado obscuro da cidade é esquecido, dando destaque tão somente ao tempo presente, reverenciado e divulgado pela imprensa paga da época. A imprensa paga pelos detentores do poder: os literatos e jornalistas, omitia intencionalmente o nome Tocaia Grande para relegá-la ao esquecimento, tendo em vista que não havia sobreviventes da tragédia para dar corpo às contranarrativas.

A narrativa performática costura a história de um povo - sofrimentos e desumanidades que um povo vivenciou em seu passado e as relações cotidianas vivenciadas em família, como o ato de cozinhar, as festividades, as conversas ao pé do fogão e as risadas trocadas entre uma fala e outra. As conversas, as caçadas, as discussões, as reclamações, os risos e o uso de bebidas fazem parte de um ritual de atividades cotidianas entre uma fala e outra, que, como bem descreve Certeau (1996, p.338) é uma “prioridade do ilocutório àquilo que não diz respeito à palavra nem à frase, mas a identidade dos locutores, à circunstância, ao contexto, à ‘materialidade sonora’ das palavras trocadas.”

Em uma localidade pequena como Tocaia Grande, há vários lugares de palavras (Certeau, 1996), as feiras livres, as casas dos amigos, os passeios perto do rio, as cozinhas, as casas de prostituição e as casas comerciais. A venda de Fadul Abdala é um local adequado na cidade não só para se saber das novidades das redondezas e da vida alheia, mas também é um espaço para se contar histórias ficcionais.

[...] Saudado pela freguesia com alvoroço e afeição pois além de tudo era de bom convívio e de prosa amena. Gostava de ouvir e de contar histórias, entremeando-as com exclamações de assombro, largos gestos convincentes e ruidosos frouxos de riso. Granjeava fama de mentiroso mas as aldrabices que relatava tinham graça e sentimento, causavam emoções desencontradas na assistência pobre e ávida, naqueles confins desprovidos de qualquer divertimento: /_ É que nem conto da carochinha. Até chorei.../_ Me mijei de rir no pedaço da mulher com o macaco. Esse turco ladrão astucia cada uma. (AMADO, 1986, p.2).

Michel de Certeau (1996), ao discorrer sobre ler, habitar, conversar, cozinhar, destaca a arte da conversa como uma prática transformadora de situações de palavra de situações verbais nas quais o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. Para o referido autor, a conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular lugares comuns e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis. Segundo ele,

[...] a oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios. Oceanos de comunicação que se infiltram por toda parte e sempre determinantes, mesmo onde o produto final da atividade apaga todo traço desta relação com a oralidade. É

de ser natural e necessária em todo lugar que a conversação provavelmente tira seu estatuto teórico inferior. [...] Não obstante, o estudo dos processos cognitivos pode mostrar que uma informação nova só é recebida e assimilada, isto é, só se torna apropriável e memorizável se quem a adquire consegue configurar, assumi-la por sua conta inserindo-a em sua conversação [...] (CERTEAU, 1996, p.337).

Certeau afirma que uma cidade respira quando nela existem lugares de palavras, ou até mesmo que a comunicação é uma cozinha de gestos e palavras. E é nessa rede de interconexões comunicacionais que se instaura o papel relevante das contranarrativas. As narrativas são maneiras próprias de os sujeitos de uma nação transmitirem seus valores e seus sentimentos aos mais jovens. Por meio dessas formas, tais como as lendas e os mitos é que se transmitiram e transmitem experiências, conceitos e todo um conjunto de valores. Essas formas de expressão constituem parte da memória social e da identidade cultural. Para Le Goff “[...] o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” (1988, p. 427).

Compreende-se, então, que a prática cultural é um entrelaçamento de elementos cotidianos, sejam eles realizados na arte de cozinhar, sejam religiosos, sejam políticos, e passados por uma tradição familiar ou por um grupo específico. Em Tocaia Grande, a relação familiar dos habitantes, vizinhos, proporciona a um sujeito reconhecer no outro graus intensos de proximidade, apesar de existirem diferenças culturais entre eles. O capitão Natário, o comerciante turco Fadul Abdala, o ferreiro Tição, os sergipanos, os nordestinos, as prostitutas, todos estão numa relação de extrema familiaridade por conta da relação cotidiana que os une em prol da edificação da casa deles: a cidade Tocaia Grande.

O imaginário de uma cidade é sustentado pelos relatos (aspectos linguísticos) e pelos gestos (aspectos tátil) de seus moradores. Essa narrativa performática abre espaço para a invenção de colagens que se cruzam com elementos do passado e extratos do presente para fazer deles séries. Para Certeau (1996, p.200), “[...] as histórias sem palavras do andar, do vestir-se, de morar ou do cozinhar trabalham os bairros com ausências; traçam aí memórias que não têm mais lugar – infâncias, tradições genealógicas, eventos sem data.”

“A memória, onde cresce a história [...] procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1988, p. 423). Tal memória é entendida neste estudo como aquela que é reconfigurada pela reelaboração de contra narrativas, causos, modos de fazer, mitos. Assim, a memória enquanto lembrança é viva, se realiza e consolida com o pertencimento. Esse, por sua vez, está associado à memória individual e coletiva (HALBWACHS, 2006), vinculado a um passado no qual o sujeito se reconhece dentro das imagens sucessivas.

Em Tocaia Grande há várias referências ao caráter evocativo por via da memória: a primeira morte em Tocaia Grande, na festa de Santo Antônio da personagem Cotinha, a morte de Diva, a esposa do ferreiro Tição, a morte de Bernarda nas mãos do Capitão Natário, a morte do coronel Boaventura Andrade e a morte de inúmeras pessoas decorrentes da peste e da enchente. Essa evocação tem relação com a cultura de uma localidade.

Castor e Lupiscínio equilibraram sobre as pontas da longa vara de bambu enfiada entre os punhos da rede e a conduziram. O acompanhamento misturou lágrimas e risos; referiram-se à morta com benevolência, não lhe cobraram os azeites, os maus bofes, louvaram-lhe a valentia, a sinceridade, o doce de jaca, o de rodela de banana e o licor de jenipapo. No silêncio do caminho para o cemitério, o negro Tição rememorou detalhes de conversas, o convento em São Cristóvão, o vinho de missa, o sino grande e o bom frei Nuno cachopando. Sorriera à lembrança. (AMADO, 1986, p.2).

O ato de lembrar, segundo Bosi (1994), não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória coletiva, para Le Goff ,

é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (1988, p. 477)

O capítulo 21 de Tocaia Grande relata sobre a instalação da lei na região e os vestígios de recordações veiculados oralmente após o lugarejo ser dizimado. As histórias espalhadas pelas estradas e atalhos da terra grapiúna eram acompanhadas por instrumentos musicais, cordéis e rimas: “Nas caatingas do sertão, nos prados de Sergipe, os cantadores empunharam as violas e trovavam os acontecimentos medonhosos,

rimando vingança com lambança.” (p. 479). Os cantadores não tinham compromisso com o relato só de partes da verdade, mas não se pode dizer o mesmo da imprensa da época.

Se na imprensa da capital, com argumentos em prol e contra, cada folha exibia a sua verdade, o contrário acontecia na consonância e na versificação dos mestres do cordel: deu-se a condenação unânime do massacre, numa evidente tomada de posição ao lado do povo de Tocaia Grande. Expuseram às claras as causas da razia – a inveja, a avidez de lucro, a imposição da força. Denunciaram os heróis proclamados pelas gazetas da situação, marcaram os vencedores com o estigma da maldade e da violência e defenderam a causa dos vencidos. Subversiva atitude dos ignorantes, exposta em rimas de indignação [...] Foram uma pequenina luz, um bruxuleio de fífós a alumiar a face obscura. (AMADO, 1986, 479).

Le Goff (1988) acrescenta que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Daí por que a narração oral está atrelada à mestiçagem, ou seja, a rememoração se instala nos sujeitos de hoje, no qual os envolvidos na relação passado/presente sentem-se atraídos pela diversidade desses trajetos das lembranças.

Considerações Finais

Jorge Amado, em *Tocaia Grande*, promove a construção da identidade cultural da nação grapiúna, através da memória coletiva e do imaginário do cacau. Esse imaginário integra-se à construção da memória coletiva. As lembranças são imagens construídas por meio de representações sociais.

A análise do romance corroborou para a aceitação de que a cultura local é enriquecida de significação não só por seu componente histórico, mas por abrigar, também, aspectos identitários relacionados à formação da civilização. Essa narrativa fundacional localiza a origem da nação e afirma o pensamento que considera que “[...] as identidades nacionais não são como coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” (HALL, 2005, p. 48). No âmbito da reprodução daquilo que se pensa, esse imaginário é vestido enquanto sentimento de nacionalidade e, mais que isso, de localidade da cultura.

A temporalidade da performance, contemplada na romance *Tocaia Grande*, permite que os vencidos intervenham no processo de significação

e alterem as representações dominantes. Apresentando uma cultura híbrida, tendo como constituinte pessoas oriundas de diversas regiões e nacionalidades, a região grapiúna se identifica enquanto espaço resultante de diversos processos de hibridação abrangendo, dessa forma, várias mesclas culturais.

Referências

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANDRADE, Manuel Correa de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton (Org.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política - Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Hommi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Crus. Rio: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o imaginário* – perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Paris: Gallimard, 1988.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.